

HABITAÇÃO RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA

Processo Analítico em Exemplar de Arquitetura Vernacula Popular

Marina Ramos

UFPA | marina.ramos@itec.ufpa.br

Ana Klaudia Perdigão

UFPA | Klaudiaufpa@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: Projeto, Tradição e Contemporaneidade

Resumo: A decomposição arquitetônica constitui-se como exercício metodológico que, ao explicitar as operações de análise e síntese, evidencia o processo analítico no ato de projetar. Tradicionalmente aplicada a exemplares emblemáticos na arquitetura, trata-se de uma habilidade relacionada à estruturação do pensamento que sustenta a proposição arquitetônica (PERDIGÃO, 2019; 2021a). Destaca-se partido e repertório como estruturas cognitivas que organizam o processo de concepção, situando o projeto como proposição e campo epistemológico (OLIVEIRA, 2010). Essa compreensão, articulada à ideia de que análise e síntese constituem operações formativas, permite reconhecer que pensar e projetar são atos indissociáveis, cujas operações mentais atuam no ensino e na prática. A proposta apresentada desloca a decomposição de seu uso corrente em exemplares emblemáticos no campo da arquitetura para a análise de uma habitação ribeirinha amazônica, atualmente Casa Iguatu, anteriormente conhecida como Casa do Celso, localizada em Barcarena, no Estado do Pará. Conduzida a partir de cinco temas (PAUSE & CLARK, 1987): setorização, circulação, geometria, relação arquitetura/natureza e iluminação natural, o processo analítico busca tornar visíveis as soluções produzidas fora do campo formal da Arquitetura, evidenciando as soluções adequadas às condições ambientais e culturais do lugar amazônico. Ao explicitar tais operações, evidencia-se que a produção sem arquitetos também aponta repertórios de projeto, contudo, a partir de um conhecimento situado. O estudo resulta no reconhecimento da tradição ribeirinha da Amazônia através de um recurso pedagógico experimentado em contextos vernaculares, valorizando saberes locais e afirmando a pertinência de metodologias que integram saberes formais e informais, portanto, contribuem para a formação do arquiteto e urbanista ao aprofundar as implicações epistemológicas e pedagógicas da decomposição aplicada ao universo ribeirinho amazônico.

Palavras-chave: vernáculo amazônico; decomposição arquitetônica; ensino de projeto

AMAZONIAN RIVERINE HOUSING: ANALYTICAL PROCESS IN A POPULAR VERNACULAR ARCHITECTURE CASE STUDY

Abstract: Architectural decomposition constitutes a methodological exercise that, by making explicit the operations of analysis and synthesis, reveals the analytical process inherent to the

act of designing. Traditionally applied to emblematic architectural works, it is understood as a skill related to the structuring of the thought that underlies architectural proposition (PERDIGÃO, 2019; 2021a). Design parti and repertoire stand out as cognitive structures that organize the conception process, situating design as both proposition and epistemological field (OLIVEIRA, 2010). This understanding, articulated with the notion that analysis and synthesis are formative operations, allows the recognition that thinking and designing are inseparable acts, whose mental operations operate in both teaching and practice. The proposal presented here shifts architectural decomposition from its recurrent use in canonical architectural examples to the analysis of an Amazonian riverine dwelling, currently known as Casa Iguatu, formerly Casa do Celso, located in Barcarena, Pará State, Brazil. Conducted through five thematic lenses (PAUSE & CLARK, 1987), zoning, circulation, geometry, architecture–nature relationship, and natural lighting, the analytical process seeks to make visible spatial solutions produced outside the formal disciplinary field of Architecture, highlighting responses appropriate to the environmental and cultural conditions of the Amazonian context. By making these operations explicit, the study demonstrates that architecture produced without architects also reveals design repertoires, albeit grounded in situated knowledge. The research results in the recognition of Amazonian riverine tradition through a pedagogical resource experimented within vernacular contexts, valuing local knowledge and affirming the relevance of methodologies that integrate formal and informal knowledge, thus contributing to the education of architects and urban planners by deepening the epistemological and pedagogical implications of decomposition applied to the Amazonian riverine universe.

Keywords: amazonian vernacular; architectural decomposition; architectural design education.

VIVIENDA RIBEREÑA AMAZÓNICA: PROCESO ANALÍTICO EN UN CASO DE ARQUITECTURA VERNÁCULA POPULAR

Resumen: La descomposición arquitectónica se constituye como un ejercicio metodológico que, al explicitar las operaciones de análisis y síntesis, evidencia el proceso analítico inherente al acto de proyectar. Tradicionalmente aplicada a ejemplares emblemáticos de la arquitectura, se entiende como una habilidad vinculada a la estructuración del pensamiento que sustenta la proposición arquitectónica (PERDIGÃO, 2019; 2021a). Se destacan el partido y el repertorio como estructuras cognitivas que organizan el proceso de concepción, situando el proyecto como proposición y campo epistemológico (OLIVEIRA, 2010). Esta comprensión, articulada con la idea de que análisis y síntesis constituyen operaciones formativas, permite reconocer que pensar y proyectar son actos indisociables, cuyas operaciones mentales actúan tanto en la enseñanza como en la práctica. La propuesta presentada desplaza la descomposición de su uso corriente en ejemplares emblemáticos del campo de la arquitectura hacia el análisis de una vivienda ribereña amazónica, actualmente Casa Iguatu, anteriormente conocida como Casa del Celso, ubicada en Barcarena, Estado de Pará, Brasil. Desarrollado a partir de cinco temas (PAUSE & CLARK, 1987), sectorización, circulación, geometría, relación arquitectura–naturaleza e iluminación natural, el proceso analítico busca hacer visibles las soluciones espaciales producidas fuera del campo disciplinar formal de la Arquitectura, evidenciando respuestas adecuadas a las condiciones ambientales y culturales del contexto amazónico. Al explicitar tales operaciones, se evidencia que la producción sin arquitectos también manifiesta repertorios de proyecto, aunque fundamentados en un conocimiento situado. El estudio resulta en el reconocimiento de la tradición ribereña amazónica a través de un recurso pedagógico experimentado en contextos vernaculares, valorizando saberes locales y afirmando la pertinencia de metodologías que integran saberes formales e informales, contribuyendo así a la formación del arquitecto y urbanista al profundizar las implicaciones epistemológicas y pedagógicas de la descomposición aplicada al universo ribereño amazónico.

Palabras clave: vernáculo amazónico; descomposición arquitectónica; enseñanza del proyecto.

1. INTRODUÇÃO

O projeto como objeto de conhecimento tem sido compreendido como um campo emergente de pesquisa, tradicionalmente associado a etapas decisórias voltadas à resolução de demandas espaciais (OLIVEIRA, 2010; PERDIGÃO, 2021a). Nesse contexto, investigações desenvolvidas no âmbito do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano (LEDH), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, têm contribuído para o entendimento do projeto como campo epistemológico, ao explorar o pensamento projetual pelo interior da prática e produzir conhecimento operativo voltado à realidade amazônica (PERDIGÃO, 2019; PERDIGÃO, 2021a).

O conhecimento unidisciplinar ganha destaque por meio da decomposição arquitetônica como método de análise capaz de explicitar relações espaciais, decisões projetuais e estruturas formais presentes no espaço construído (PERDIGÃO, 2019; PERDIGÃO, 2021a). Pela sua capacidade de evidenciar a lógica interna das configurações espaciais, torna-se pertinente investigar sua aplicação em arquiteturas produzidas a partir de saberes tradicionais, como é o caso das habitações ribeirinhas da Amazônia (MENEZES; PERDIGÃO, 2021).

Nesse contexto, este artigo analisa uma casa ribeirinha localizada na Ilha das Onças, em Barcarena - PA (Figura 1), anteriormente conhecida como Casa do Celso, e atualmente como Casa Iguatu. Produzida a partir de saberes tradicionais, a moradia constitui um exemplar significativo da arquitetura vernácula amazônica.

A partir da decomposição arquitetônica, busca-se explicitar as decisões espaciais presentes nessa habitação, identificando aproximações entre princípios do saber disciplinar da arquitetura e configurações produzidas fora do campo formal. A análise foi estruturada em cinco temas principais: setorização, circulação, geometria, relação arquitetura-natureza e iluminação natural¹.

2. DECOMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA COMO MÉTODO DE ANÁLISE

A decomposição arquitetônica é um método analítico voltado à compreensão do espaço constituindo-se como um instrumento que busca explicitar relações espaciais, decisões projetuais e estruturas formais que materializam o pensamento arquitetônico na obra (PERDIGÃO, 2019). Decompor uma arquitetura, permite analisar articulações entre usos, fluxos, cheios e vazios, hierarquias espaciais e estratégias de implantação,

¹ Os temas de decomposição adotados neste estudo integram o plano de curso da disciplina Projeto I, sob responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Ana Kláudia Perdigão, ministrada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA).

evidenciando a coerência interna que orienta a configuração do conjunto (PERDIGÃO, 2021a).

Esse método, ao utilizar operações de análise, somado à síntese, estruturam o ato projetual (JONES, 1973; PERDIGÃO, 2021a). A análise permite identificar componentes, relações e condicionantes do objeto, enquanto a síntese atua na recomposição dessas informações em uma estrutura inteligível, mostrando a lógica projetual que embasa forma construída. Estas operações devem se explicitar, principalmente no ensino de arquitetura, onde o pensamento projetual se encontra em processo de formação, reforçando a compreensão do projeto pelo interior da prática (PERDIGÃO, 2021a).

Boudon (2007) propõe, através da arquiteturaologia, uma leitura analítica do objeto construído a partir do espaço de concepção, a fim de identificar as operações que estruturam a produção arquitetônica. Nessa abordagem, Boudon (2007) afirma que o espaço arquitetural não se reduz à sua dimensão geométrica ou material, e deve ser compreendido como resultado das articulações entre medida, escala, uso e intenção, podendo ser acessadas através do método de decomposição.

Entende-se, baseado nos estudos de Oliveira (2010), que a operação de síntese se manifesta na construção do partido e na organização do repertório, entendidos como estruturas importantes do pensamento projetual. De acordo com o autor, o partido se configura como uma prefiguração do objeto arquitetônico, atuando como diretriz que articula as decisões espaciais e formais, enquanto o repertório constitui um sistema de referências que sustenta a formulação do projeto. Defende ainda que a constituição desse repertório não é o mero acúmulo de soluções, mas sim uma construção cognitiva ativa, baseada em analogias, correspondências e interpretações elaboradas pelo projetista.

No campo epistemológico, do ensino e da pesquisa em projeto, Perdigão (2019; 2021a) articula essas dimensões instrumentalizando a decomposição arquitetônica como um método que pode tornar explícitas tais operações, investigando o projeto pelo interior da prática e contribuindo para a produção de conhecimento operativo aplicado à formação em arquitetura (PERDIGÃO, 2021a).

A conexão entre esses autores possibilita entender a decomposição arquitetônica como um recurso capaz de esclarecer operações de análise e síntese que fundamentam o pensamento projetual. Boudon (2007) oferece uma contribuição para a análise das operações de concepção, enquanto Oliveira (2010) destaca a dimensão sintética do pensamento projetual na criação do partido e do repertório. Perdigão (2021a) aplica essas dimensões no contexto do ensino e da pesquisa em projeto, investigando o processo arquitetônico por meio da prática e produzindo conhecimento operativo.

Assim, a decomposição arquitetônica permite tornar explícito o conhecimento implícito, evidenciando decisões e relações que estruturam o pensamento projetual, permitindo a

transparência dos processos envolvidos na concepção do espaço, aproximando-se da interpretação do projeto pela perspectiva da “caixa de vidro” proposta por Jones (1973), na qual se busca revelar os caminhos cognitivos subjacentes à solução formal da arquitetura (PERDIGÃO, 2019).

Entretanto, observa-se que a aplicação da decomposição arquitetônica tem sido, predominantemente, utilizada na análise de obras produzidas no âmbito dos saberes formais, ou seja, por arquitetos. Esse predomínio evidencia uma lacuna referente a outras formas de produção espacial, principalmente aquelas originadas de saberes tradicionais. Perdigão (2019) aponta que apesar de sua relevância, a arquitetura vernacular é pouco estudada na produção científica da área, ainda que constitua importante fonte de soluções decorrentes da relação entre o homem e o espaço construído, perspectiva já evidenciada em estudos clássicos sobre arquitetura sem arquitetos de Rudofsky (1964) e sobre as culturas construtivas vernaculares de Oliver (2006).

Nesse sentido, o desafio não se limita ao reconhecimento de seu valor, mas à elaboração de estratégias capazes de compartilhar e converter esse saber popular em conhecimento formal da arquitetura, por meio de aparatos teórico-metodológicos cientificamente delineados (PERDIGÃO, 2019). Assim, entende-se pertinente investigar o uso desse método analítico em espaços produzidos a partir de saberes tradicionais, ampliando seu campo de aplicação e explorando seu potencial analítico na leitura da produção espacial vernacular.

5

3. A DECOMPOSIÇÃO DA CASA RIBEIRINHA AMAZÔNICA

A partir dessa fundamentação teórica, escolheu-se para a decomposição uma habitação ribeirinha amazônica, entendendo que, mesmo produzida fora do campo formal, essa construção materializa saberes tradicionais, expressos no modo de construir, nos materiais, nas articulações espaciais e na relação com o entorno.

A utilização da decomposição arquitetônica representa uma estratégia para levantar evidências sobre a produção do ambiente construído sem arquitetos através de aproximações possíveis com o conhecimento formal da arquitetura. Para tanto, definiu-se como objeto de estudo uma habitação localizada na Ilha das Onças (Figura 1), município de Barcarena, estado do Pará, pertencente ao Sr. Celso e família. Construída pelo próprio ribeirinho, a moradia (Figura 2) se caracteriza como exemplar significativo da arquitetura vernacular amazônica, pois materializa um modo de habitar transmitido entre gerações de ribeirinhos, articulado às dinâmicas ambientais, sociais e culturais do território amazônico (PERDIGÃO, 2016; VIRGILIO, 2021; MENEZES; PERDIGÃO, 2021).

Figura 1: Localização da Ilha das Onças



Mapa ilustrativo da localização da Ilha Das Onças - Barcarena/PA
Fonte: Elaborado pelas autoras com base no Google Maps.

Figura 2: Planta baixa e imagens da casa ribeirinha



Colagem artística com planta baixa implantada e fotos da residência
Fonte: Elaborado pelas autoras com base no acervo LEDH.

Com o objeto definido, parte-se para a decomposição arquitetônica da habitação, estruturada em cinco temas (PAUSE & CLARK, 1987): setorização, circulação, geometria, iluminação natural e relação arquitetura/natureza, definidos por sua relevância para aproximações sucessivas entre saberes informal e formal pela compreensão da residência no seu contexto de inserção.

O primeiro tema de decomposição abordado, a setorização, mostra a organização do espaço doméstico na distinção bem estabelecida entre três áreas principais: serviço, íntima e social (Figura 3). A organização espacial da casa, é moldada por lógicas funcionais e sociais próprias da vida ribeirinha. A distinção entre os setores mesmo no grande avarandado evidencia a diferenciação de usos e a compreensão das dinâmicas que ocorrem no interior da casa, constituindo um saber elaborado a partir da experiência na produção do espaço e da cultura local.

Nota-se que a relação público/privado não se dá por uma gradação rígida dentro da casa, já que os quartos se conectam diretamente com a sala, estabelecendo-se principalmente na passagem entre interior e exterior, onde a varanda frontal permite uma transição direta, ainda que esteja contida em dois setores da residência.

Ressalta-se também que o acesso à área de serviço é feito unicamente pela varanda lateral, que se abre completamente para o exterior, sublinhando sua conexão imediata com o exterior pelas práticas cotidianas que ocorrem fora do espaço interno da residência.

A orientação dos quartos para o rio e a articulação das varandas com as atividades do dia a dia mostram como se incorporaram as condicionantes ambientais e territoriais entre o espaço construído e seu entorno natural.

Esses elementos sugerem que o espaço doméstico é uma manifestação de saberes tradicionais, possibilitando perceber semelhanças entre a produção do espaço com o conhecimento adquirido por viver à beira do rio e os princípios frequentemente observados na organização arquitetônica. A observação de uma ordem, presente com a nítida separação entre os setores que não se sobrepõem nem se misturam, enfatizando que essa separação ocorre de maneira orgânica, articulada pelo uso do espaço no cotidiano da família.

Sobre a circulação, identificou-se três formas principais: a circulação superposta ao ambiente, circulação linear e hall de circulação. A circulação superposta ocorre na varanda frontal e na sala, onde o trânsito se dá no interior do espaço de permanência, sem uma definição física específica de circulação, evidenciando a sobreposição entre uso e deslocamento. Já a circulação linear se manifesta na varanda lateral, configurando um percurso contínuo que conecta a varanda frontal ao setor de serviço, articulando acessos, atividades domésticas e relações com o exterior.

Destaca-se um detalhe peculiar na cultura ribeirinha da Amazônia, a circulação externa. O hall de circulação, o terceiro tipo de circulação, que conduz a um dos dormitórios apresenta acesso tanto pela circulação linear externa quanto pela circulação superposta à sala de estar. A presença desse hall é particularmente interessante, pois, em arquiteturas produzidas a partir de saberes formais, esse tipo de espaço costuma funcionar como mediador de privacidade no acesso aos quartos. Na habitação analisada essa circulação aparece de forma parcial, onde apenas um dos dormitórios é acessado por esse espaço, mantendo também ligação com a circulação linear da varanda lateral. Observa-se, assim, uma adaptação funcional do elemento circulação, que não reproduz integralmente a lógica do conhecimento formal.

Desse modo, observa-se, que a decomposição também permite o entendimento dos significados impressos no espaço construído, a existência de outras lógicas formada a partir de um modo de morar passado de geração para geração e das experiências práticas relacionadas ao uso do espaço.

Figura 3: Setorização e Circulação

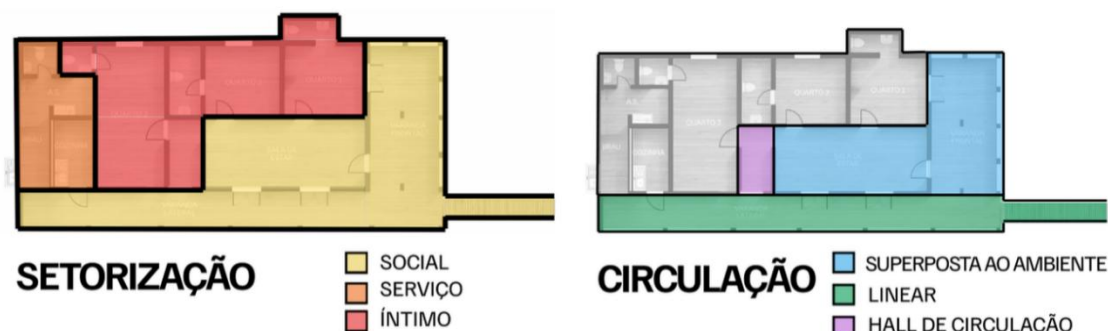


Ilustração dos temas setorização e circulação.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em levantamento arquitetônico do acervo LEDH.

Parte-se da premissa de que a configuração formal da habitação se relaciona ao tipo de palafita amazônico (MENEZES, 2015; PERDIGÃO, 2016; MENEZES; PERDIGÃO, 2021). Quanto à geometria (Figura 4), predominam as formas retangulares, ligadas às técnicas construtivas em madeira. A decomposição mostra uma organização baseada em módulos lineares, que se articulam na conformação dos ambientes e das varandas. Ainda que não apresente um traçado regulador intencional, notam-se aproximações com o saber formal no uso de modulação e proporção na planta baixa. Essas características indicam uma sabedoria construtiva que emerge do próprio fazer e das técnicas de montagem transmitidas entre gerações, evidenciando a relação indissociável entre forma e construção no contexto analisado (VIRGILIO, 2021).

Nesse sentido, a materialidade desempenha papel estruturante na configuração espacial da habitação. A utilização predominante da madeira não se restringe a uma escolha construtiva, mas configura-se como parte de um sistema integrado de respostas às condições ambientais e culturais do contexto amazônico. A madeira, amplamente disponível na região, orienta não apenas as técnicas de montagem, mas também a modulação dos espaços, a leveza estrutural e a possibilidade de adaptação da edificação às dinâmicas das cheias e vazantes dos rios. As soluções construtivas, como o uso de elementos vazados, frestas e a não vedação completa entre paredes e cobertura, favorecem a ventilação cruzada e o conforto térmico, evidenciando estratégias passivas desenvolvidas a partir da experiência prática com o clima local. Além disso, o reaproveitamento de materiais, conforme relato do morador, aponta para uma lógica construtiva baseada na disponibilidade de recursos e na economia de meios, revelando um saber fazer que articula técnica, ambiente e cultura na produção do espaço construído. Nesse sentido, a materialidade não apenas viabiliza a construção, mas participa ativamente da configuração espacial e do desempenho ambiental da habitação.

Em continuidade às estratégias construtivas e materiais, observa-se que a iluminação natural apresenta incidência diferenciada entre os setores da habitação. Os dormitórios

recebem iluminação direta por meio de aberturas voltadas para a lateral da casa, garantindo entrada de luz e ventilação nos espaços mais íntimos. Já na sala, a iluminação se dá predominantemente de forma indireta, mediada pelas varandas frontal e lateral, que funcionam como zonas de transição e filtragem da luz antes da sua entrada no interior da casa. A cozinha e o jirau, por sua vez, configuram-se como ambientes mais abertos, recebendo iluminação direta, mas que é filtrada pela vegetação abundante que rodeia a casa. Além disso, notou-se que há telhas translúcidas no interior da casa para iluminação natural interna (VIRGILIO, 2021).

Figura 4: Geometria e Iluminação Natural

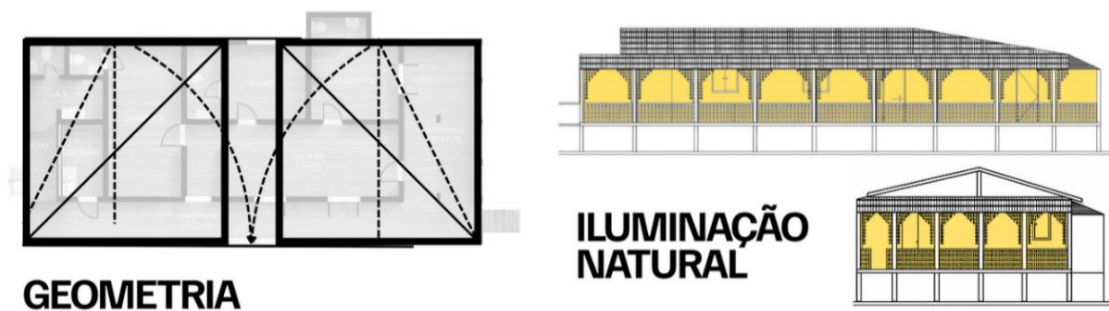


Ilustração dos temas geometria e iluminação natural.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em levantamento arquitetônico do acervo LEDH.

O tema relação arquitetura/natureza é um dos mais relevantes para demonstração do entorno natural da Amazônia, pois mostra uma forte conexão da casa com o território ribeirinho. Com a implantação em palafita, a casa é adaptada às variações do nível das águas, sendo a cota de nível definida com base no saber empírico acumulado da vivência com o rio. Portanto, a relação com a natureza envolve a relação do espaço construído com o fluxo das águas dos rios amazônicos. Essa decisão demonstra um conhecimento territorial incorporado ao fazer arquitetônico, no qual as cheias e vazantes orientam a própria configuração da moradia (PERDIGÃO, 2016).

As soluções arquitetônicas envolvem as varandas e o jirau que são abertos para o rio e estabelecem conexão direta com a floresta, se caracterizando como espaços de transição entre exterior e interior. Nesses ambientes se desenvolvem atividades domésticas, produtivas e de sociabilidade, diluindo limites entre casa e o entorno natural, evidenciando a paisagem como extensão da casa ribeirinha, não somente uma paisagem.

As soluções construtivas como paredes que não se estendem até o telhado, permitindo a circulação de ar entre os ambientes, aliado a ventilação proporcionada pelas frestas da madeira, garantem um conforto térmico para a habitação, demonstrando uma adequação ambiental construída a partir da experiência prática com o clima local. O uso da madeira da região, assim como o reaproveitamento de materiais de outras construções, conforme relato do morador e construtor da casa, são escolhas que

evidenciam estratégias ambientais válidas que foram baseadas no saber tradicional (VIRGILIO, 2021).

Figura 5: Colagem artística para representar o tema arquitetura-natureza



Ilustração do tema relação arquitetura/natureza
Fonte: Elaborado pelas autoras.

No campo epistemológico do projeto (PERDIGÃO, 2021b) a compreensão do ciclo vital humano e sua relação com o entorno permitem a compreensão do projeto além de pontos de partida geométricos, portanto, consolidam uma relação de sensações e expectativas nem sempre atendidos necessariamente pela geometria (PERDIGAO, 2009; PERDIGAO, MENEZES & PAIXAO, 2022). A arquitetura, nesse contexto, deve ser compreendida além da sua geometria, como o resultado de uma relação dialética entre o ser humano e o mundo (MALARD, 2021). A permeabilidade da madeira que estrutura a casa permite a entrada de luz, sons, ventos e cheiros provenientes do rio e da floresta, configurando uma ambiência que se transforma ao longo do dia. A casa, assim, comporta-se como uma estrutura adaptativa, cuja vivência espacial é constantemente mediada pelas condições ambientais do território, mostrando uma integração entre casa, rio e floresta, partes de um mesmo sistema espacial e ambiental.

Assim, a análise permite compreender que a relação entre arquitetura e natureza não se estabelece como elemento acessório, mas como princípio estruturante da configuração do espaço, no qual implantação, materialidade, ventilação e modos de uso se articulam em resposta direta às condições ambientais e territoriais da Amazônia ribeirinha.

Ainda que as soluções observadas estejam profundamente enraizadas no contexto amazônico, é possível reconhecer que a arquitetura vernacular em diferentes regiões se estrutura a partir de respostas específicas às condicionantes ambientais e culturais. Nesse sentido, compreende-se que as produções arquitetônicas não eruditas expressam formas de adaptação ao meio construídas a partir da experiência e da

tradição (RUDOLFSKY, 1964). Em contextos distintos, como aqueles marcados por climas mais secos, observam-se estratégias voltadas ao controle da incidência solar e ao desempenho térmico dos materiais, enquanto na Amazônia ribeirinha predominam soluções que privilegiam a ventilação, a elevação do solo e a leveza construtiva. Essa comparação reforça o entendimento de que a produção vernacular constitui um campo diverso de respostas situadas, nas quais materialidade, técnica e espaço se articulam de forma indissociável.

Os temas de decomposição arquitetônica apresentados na Tabela 1 permitem compreender que a casa ribeirinha amazônica é dotada de coerência organizacional e inteligibilidade espacial próprias, materializando saberes tradicionais que, quando analisados sob a ótica da decomposição arquitetônica, revelam aproximações com princípios do saber disciplinar do projeto. Mais do que identificar essas correspondências, a análise evidencia que a produção espacial vernacular se estrutura a partir de racionalidades construídas na experiência prática com o território, com o modo de vida e com os sistemas construtivos disponíveis.

Tabela 1: Temas de decomposição arquitetônica em casa ribeirinha na Amazônia

Temas analisados	Configurações espaciais identificadas	Relação com o modo de vida ribeirinho	Aproximações com princípios do saber disciplinar
Setorização	Setores social, íntimo e de serviço. Dormitórios articulados diretamente à sala. Varanda frontal como principal espaço de sociabilidade. Acesso ao serviço pela varanda lateral.	Dinâmicas domésticas e produtivas integradas ao território. Sociabilidade deslocada para o exterior. Articulação direta entre habitação e práticas cotidianas.	Distinção de usos; compreensão prática de público/privado; organização espacial por setores.
Circulação	Superposta ao ambiente (sala e varanda frontal); hall de circulação que dá acesso a um dos quartos; linear: percurso contínuo conectando frente e serviço (varanda lateral).	Deslocamentos integrados às atividades diárias e ao exterior. Circulação como extensão do habitar.	Uso de tipologias de circulação; uso de hall como mediador, ainda que adaptado e não sistematizado.
Geometria	Módulos retangulares. Regularidades proporcionais associadas ao tipo palafita. Relação entre diagonais e limites da edificação.	Forma derivada de técnicas construtivas em madeira e da lógica vernácula de produção.	Uso de modulação e proporção, mesmo sem intenção formal explícita.
Iluminação natural	Luz direta nas varandas. Interior iluminado de forma indireta. Quartos com aberturas externas. Cozinha e jirau abertos.	Entrada de luz associada à abertura dos ambientes e à organização dos usos, resultante das soluções construtivas adotadas.	Estratégias bioclimáticas; adaptação ao entorno; uso de materiais locais; implantação responsiva ao meio; respeito ao território.
Arquitetura-natureza	Implantação em palafita. Varandas e jirau abertos à paisagem. Relação intensa com o rio. Paredes internas que não se estendem até o teto. Ventilação por frestas. Uso de madeira local.	Adaptação às cheias, ao clima e à floresta, orientada pelo saber tradicional e pelo uso de recursos locais.	Estratégias bioclimáticas; adaptação ao entorno; uso de materiais locais; implantação responsiva ao meio; respeito ao território.

Tabela com os temas analisados na decomposição arquitetônica.
Fonte: Elaborado pelas autoras

4. IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE PROJETO

A decomposição arquitetônica², tradicionalmente aplicada à análise de arquiteturas emblemáticas, é, neste estudo, deslocada para o contexto da produção vernacular. Sua aplicação em uma habitação produzida por não arquitetos permite ampliar o campo de conhecimento ao incorporar as particularidades locais como dimensão analítica. Como contribuição ao ato de projetar, evidencia-se que a organização do espaço produzido sem arquitetos integra práticas culturais próprias da Amazônia. A análise demonstra que as relações entre usos, percursos, implantação, estratégias ambientais e soluções construtivas constituem um conjunto articulado de respostas ao território e ao modo de vida ribeirinho, indicando a presença de uma inteligibilidade espacial construída na prática do habitar (PERDIGÃO, 2019; PERDIGÃO, 2021a).

Nesse ponto, o estudo revela o valor do conhecimento vernacular como forma legítima de produção espacial, representam conhecimentos tradicionais que foram organizados por meio da experiência, da prática construtiva e da convivência diária com o ambiente, repassados entre gerações de ribeirinhos. A decomposição, ao evidenciar as partes que permitem a observações de relações entre elas, são relações que ajudam a mover o foco ao campo disciplinar da arquitetura, possibilitando entender que a produção do espaço pode surgir de diversos tipos de conhecimento, mas que se mostram coerentes em sua lógica organizacional (PERDIGÃO, 2109; MENEZES; PERDIGÃO, 2021).

No ensino de projeto, essa perspectiva pode ampliar as possibilidades de formação do pensamento projetual para o arquiteto e urbanista. Ao incorporar exemplares de arquitetura vernacular como objeto de análise, o ensino poderá operar não apenas pela leitura de referências eruditas, mas também pelo reconhecimento de saberes locais com forte carga cultural na produção do ambiente construído. Essa abordagem contribui para a produção de conhecimento operativo, investigando o projeto pelo interior da prática (OLIVEIRA, 2010) e fortalecendo a articulação entre análise, concepção e contexto socioambiental, conforme defendido nas investigações desenvolvidas pelo LEDH (PERDIGÃO, 2019; PERDIGÃO, 2021b).

Essa aproximação entre saber vernacular e ensino formal torna-se particularmente evidente quando observada na prática profissional. A obra do arquiteto e engenheiro Milton Monte é um exemplo significativo dessa mediação, pois evidencia a incorporação consciente de referências construtivas, espaciais e ambientais oriundas da produção vernacular do espaço. Seus projetos demonstram a transposição de soluções empíricas, relativas ao uso da madeira, às estratégias de ventilação, à elevação em palafita e à relação com o entorno, para o campo disciplinar, revelando o potencial do saber tradicional como repertório ativo para o projeto arquitetônico

² A decomposição arquitetônica integra o plano de ensino da disciplina Projeto I, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Ana Klaudia Perdigão na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA).

contemporâneo (ARRAES e PERDIGÃO, 2020; PERDIGÃO; RABELO; ARRAES DE SOUZA; SODRÉ, 2025).

Por fim, as reflexões decorrentes desta análise reforçam a importância da articulação entre ensino, pesquisa e prática projetual, eixo estruturante das ações desenvolvidas pelos pesquisadores do LEDH. Ao investigar produções espaciais vernaculares por meio de instrumentos analíticos próprios do campo disciplinar, amplia-se o escopo formativo do ensino de arquitetura pelo respeito ao lugar amazônico. A decomposição arquitetônica afirma-se como dispositivo pedagógico capaz de mediar diferentes saberes na construção do pensamento projetual, apoiando a integração entre análise e síntese no espaço arquitetônico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permitiu compreender que a habitação ribeirinha estudada apresenta coerência organizacional e inteligibilidade espacial próprias, ainda que produzida fora do campo formal da arquitetura. A decomposição arquitetônica, estruturada a partir dos temas de setorização, circulação, geometria, materialidade, iluminação natural e relação arquitetura–natureza, evidenciou que a configuração do espaço responde de forma articulada às dinâmicas ambientais, sociais e culturais do território amazônico.

Mais do que identificar soluções isoladas, o estudo demonstrou que a organização espacial, as estratégias construtivas e a escolha dos materiais constituem um sistema integrado de respostas ao contexto amazônico, no qual forma, técnica e ambiente se articulam de maneira indissociável. A materialidade, em especial, revelou-se como elemento estruturante do espaço, evidenciando que as decisões construtivas não apenas viabilizam a edificação, mas participam ativamente do desempenho ambiental e da configuração arquitetônica.

Nesse sentido, a análise reforça o entendimento de que a produção vernacular não se caracteriza pela ausência de projeto, mas pela presença de lógicas próprias, construídas a partir da experiência, da prática e da transmissão de saberes ao longo das gerações. Tal compreensão aproxima-se da perspectiva de que arquiteturas não eruditas constituem formas legítimas de adaptação ao meio, expressando modos de habitar profundamente vinculados ao contexto (RUDOLFSKY, 1964).

No campo do ensino de projeto, essas constatações ampliam as possibilidades de formação do pensamento projetual ao incorporar exemplares vernaculares como objeto de análise. Ao reconhecer a materialidade, as estratégias ambientais e os modos de uso como dimensões indissociáveis da configuração espacial, o ensino pode operar não apenas a partir de referências formais, mas também por meio da valorização de saberes locais.

Dessa forma, a decomposição arquitetônica afirma-se como um instrumento analítico capaz de mediar a aproximação entre saberes formais e informais, contribuindo para a construção de um conhecimento projetual mais sensível às especificidades territoriais. Como desdobramento, o estudo aponta para a relevância de investigações futuras que ampliem o diálogo entre arquiteturas vernaculares de diferentes contextos, explorando continuidades e especificidades na relação entre materialidade, técnica e ambiente na produção do espaço construído.

6. REFERÊNCIAS

ARRAES, Hugo Felipe.; PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. **Soluções projetuais do Arquiteto Milton Monte para Amazônia no contexto da sustentabilidade**. ANAP Brasil, v. 13, n. 30, 6 dez. 2020.

BOUDON, Phillipe. **Do espaço arquitetural ao espaço da concepção**. In: DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle; BRONSTEIN, Lais (Org.). O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2007. p. 42-50.

JONES, Christopher. **Informe sobre la situación de la metodología del diseño**. In: BROADBENT, Geoffrey. Metodologia del diseño arquitectonico. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

MALARD, Maria Lucia. **As Aparências Em Arquitetura**. UFMG, 1. ed. ISBN 978-8570415554, 2021.

MENEZES, Tainá Marçal dos Santos; PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. DIMENSÃO RIBEIRINHA COMO REFERÊNCIA DE PROJETO DE ARQUITETURA PARA A AMAZÔNIA. 2021 In: **Arquitetura e urbanismo: Patrimônio, sustentabilidade e tecnologia** <https://doi.org/10.22533/at.ed.16021160722>.

OLIVEIRA, Rogério de. Construção, composição, proposição: o projeto como campo de investigação epistemológica. In: CANEZ, Anna Paula; SILVA, Cairo Albuquerque da (Org.). **Composição, partido e programa: uma revisão crítica de conceitos em mutação**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2010. p. 39-51.

OLIVER, Paul. Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture. Amsterdam: Elsevier, 2006.

PAUSE, Michael; CLARK, Roger H. Arquitectura: temas de composición. México. Gustavo Gili. 1987.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. **Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura**. ARQUITEXTOS (SÃO PAULO), v. 114, p. 527, 2009.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. **Tipo e tipologia na palafita amazônica da cidade de Afuá**. VIRUS, São Carlos, n. 13, não paginado, 2016.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. Teoria da produção arquitetônica na Amazônia. In: CARDOSO, Ana Cláudia Duarte (Org.). **Trajetória de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: 2010-2018**. Belém: UFPA, 2019.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. PROJETO COGNITIVO: UMA ABORDAGEM DO ENSINO DE PROJETO PELO INTERIOR DA PRÁTICA. In: Jeanine Mafrá Migliorini. (Org.). **Gestão de Projetos em Arquitetura e Urbanismo**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021a.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. Pesquisa em projeto: cruzamentos epistemológicos. In: PROJETAR 2021 – **Arquitetura, Cidade e Paisagem: Projetar em Contexto de Crise**, Lisboa, 16-19 nov. 2021. Anais [...]. Lisboa: [s.n.], 2021b.

PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana; MENEZES, Tainá Marçal; PAIXAO, Rosineide Trindade. **Representação não geométrica como ponto de partida do projeto arquitetônico em experimentações na Amazônia**. ARQUITEXTOS (SÃO PAULO), v. 23, p. 1, 2022.

PERDIGÃO, Ana Klaudia; RABELO, Eloise; ARRAES DE SOUZA, Hugo; SODRÉ, Marcelly. Arquiteto e professor Milton Monte (1928-2012): Pensamento projetual e exercício da arquitetura voltados à realidade amazônica. **Revista Arquitetura e Lugar**, Campina Grande, v.3, n.12, 2025

RUDOLFSKY, Bernard. **Architecture without architects: a short introduction to non pedigree architecture**. New York: Museum of Modern Art, 1964.

VIRGILIO, Marina Fayad. **Arquitetura e Lugar: Entre o conhecimento formal e os saberes locais no habitat ribeirinho da Amazônia em Barcarena (PA)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2021.